

REVISTA ADVENTISTA

JULHO DE 1965

*Que é Religião Verdadeira?
A Questão das «Profecias»
O Dom que conta
A Assembleia da União Por-
tuguesa*

ANO XXVI N.º 226

«E curam a ferida... levemente...»

A. CASACA

A grande ambição do homem é a imortalidade: viver sempre, para todo o sempre, mas livre dos achaques da velhice. Despojado real e verdadeiramente da imortalidade que receberia, se tivesse sido fiel, imediatamente o homem aceitou, de bom grado, a ideia de que, afinal de contas, era imortal.

E assim, entrou na Terra, o primeiro e formidável erro que é a raiz, a base, a explicação de todos os outros erros e mentiras: "Certamente não morrereis" (Gén. 3:4) — insinuou, diabólicamente, a serpente à mulher. Estava formada no coração humano a crença da imortalidade, tanto mais acarinhada e segura, quanto mais vem ao encontro da suprema aspiração do homem: nunca morrer.

Estava escancarada a porta para todas as doutrinas de cunho espiritualista, decorrentes da imortalidade: sobrevivência da alma, após a morte, metempsicose, espiritismo.

Ao lado, porém, do desejo de fugir à morte, formou-se, também, paulatinamente, no espírito do homem, o desejo de viver, sim, mas de viver em paz.

Daí as manifestações, tanto singulares, como colectivas; tanto individuais como comunitárias; tanto políticas como religiosas, que através da História se têm manifestado a favor da paz.

Afadigam-se os diplomatas, os políticos, os homens de Estado, os

mentores religiosos, numa palavra: o escol da Humanidade, em procurar assentar uma paz durável entre todos.

Ainda recentemente, a imprensa, divulgou as palavras de Paulo VI, quando disse: «Desejariamos ver estendido o cândido manto da paz, sobre os cemitérios militares, para que aí se depositem os despojos daqueles que tombaram e que aguardam ainda o derradeiro gesto da piedade humana: para que os seus pais no seu luto possam visitá-los e honrá-los e para que o sono trágico de tantas vítimas conserve viva para as gerações que lhe sobreviveram e depois nasceram a memória viva e a lição do terrível drama que se não deve repetir nunca mais».

É assim que se manifesta, autorizadamente, o desejo da paz universal.

Estamos, porém, divinamente instruídos que este pobre mundo terreno não pode ter paz.

«E curam a ferida da filha do meu povo, levemente, dizendo: Paz, paz, quando não há paz.» (Jeremias 6:14).

Na noite da despedida, naquela noite que precedeu a Sua morte, dissera Jesus aos Apóstolos: «Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; Não vo-la dou como o mundo a dá.» (João 14:27).

O mundo não pode dar a paz, porque a não tem; ora, ninguém dá o que não tem.

Por isso, são baldados todos os esforços humanos, porque só Deus pode dar a paz.

Trata-se da verdadeira paz, dessa paz que vem de Deus e que assenta, fundamentalmente, no Seu amor e, nomeadamente, no cumprimento dos Seus Mandamentos.

Impelidos pela miragem da paz procuram os homens uma paz que não pode ser verdadeira, porque não assenta na base estabelecida por Deus: a prática dos Mandamentos.

No dia em que a Humanidade tomasse como norma de conduta a Lei de Deus cumprindo-a, como Ele a promulgou, seria o estabelecimento do paraíso na terra.

Mas tal não acontece porque as inteligências transviadas da luz divina afastam também os corações do cumprimento da vontade divina.

Fazendo-se eco da predição de Jeremias 6:14, também o apóstolo Paulo nos dirige a solene advertência: «Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição...» (I Tessalonicenses 5:3).

Mais um sinal bem patente aos nossos olhos de que a Volta do Salvador está para breve.

E que assim seja.

SUMÁRIO

«E curam a ferida...
levianamente...»

Editorial

Que é Religião Verdadeira?

O Dom que conta

Dez razões pelas quais todo o
membro da Igreja deve frequen-
tar a Escola Sabatina

A Questão das «Profecias» da
Pirâmide de Keops

Imperiosa necessidade de exame do
coração

A Assembleia da União Portu-
guesa

Porque fracassou Judas?

O Ideal da Obra de Educação

O Problema da harmonia dos En-
vargelhos (conclusão)

O Auxiliar da Escola Sabatina

JULHO DE 1965

ANO XXVI N.º 226

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
J. M. MATOS, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17 - LISBOA

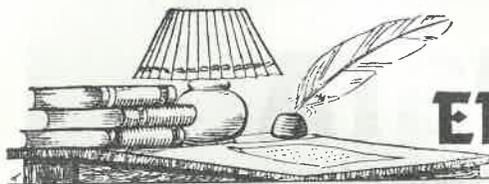
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRAFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

Que a paz de Deus inunde os vossos corações. Aqui vos apresentamos, como de costume, algumas notícias referentes à Obra que o Senhor nos confiou.

A Assembleia da União Portuguesa

Conforme fora devidamente anunciado realizou-se a Assembleia da União Portuguesa, nos princípios de Junho passado. Noutro local da Revista Adventista publicamos a reportagem do acontecimento.

Os prezados Irmãos que nos visitaram devem ter sentido o calor da amizade cristã e o espírito de genuína simpatia com que foram recebidos. Que Deus abençoe as resoluções tomadas e conceda que as ponhamos em prática, a fim de podermos abreviar a Volta gloriosa do nosso bendito Salvador.

As Férias

É o tema obrigatório desta quadra do ano. Hoje em dia, as férias não são, de modo algum, um luxo; são uma verdadeira necessidade para todos quantos trabalham. A rapidez e exagerada movimentação da vida actual exerceu, infelizmente, sobre o sistema nervoso uma tremenda influência que acaba por se traduzir num violento desgaste. Nunca, como nos nossos tempos, se registaram tantas doenças nervosas. Por isso, são absolutamente necessárias as férias.

Mas, mais uma vez, repetimos: não há que falar de férias na vida espiritual.

Temos de prosseguir, e, até com maior entusiasmo e maior intensidade, com as nossas práticas devocionais: a oração, o estudo da Lição da Escola Sabatina, a Vigília, a leitura da Palavra de Deus; e, agora, em férias, será imperdoável, se não destinarmos uns largos e vantajados momentos à leitura do Espírito de Profecia.

Antes de partirmos para férias convém não esquecer o envelope especial da Escola Sabatina para o registo do estudo diário, de várias actividades e da colecta, que devemos, também, fazer, na Escola Sabatina que organizarmos, durante as férias.

Exames

É a época dos exames. A nossa juventude também se encontra a voltas com os exames. Queira Deus que possamos contar boas vitórias.

Este assunto de exames lembramos imediatamente a urgente necessidade que temos de abrir a nossa Escola Secundária.

As dificuldades são grandes. É natural. Contamos com elas. Mas maior é o poder do nosso bom Pai Celestial que, de um momento para o outro, pode aplanar e remover todas as dificuldades.

Que Deus as remova, se assim for da sua divina vontade, pois assim também será para uma melhor obra a favor da salvação das almas.

A. C.

Que é

Religião Verdadeira ?

DR. JOSÉ DOURADO

OS seres humanos possuem congênitamente algumas qualidades e dons para sua própria felicidade. Diz-se constantemente que uma pessoa ou outras nasceu com esta ou aquela qualidade. A qualidade de poeta, por exemplo, vem de nascimento, muito embora haja muitos que, mesmo sem o dom, tenham produções dignas de menção. O mesmo se dirá da pintura, do desenho, etc.

Há, porém, um dom que a ninguém faltou — o da religião. Não pode haver queixa da parte de ninguém no sentido de não possuir a vocação religiosa. Seria uma grande omissão na obra criadora, se tal pudesse acontecer. O Criador, no acto mesmo da criação do homem, dotou-o de todos os dons essenciais, para que este pudesse levar a vida mais completa em harmonia com Ele.

A prova da verdadeira religião é estar ela apta a prover todas as necessidades religiosas do homem. Não é na religião superficial que vamos encontrar suprimento para os anseios de nossa alma, mas sim naquela cujos princípios estão fundamentados na eterna palavra de Deus, que é pura e permanece para sempre. Cristianismo verdadeiro é aquele que conserva os princípios deixados pelo Senhor Jesus Cristo, sem apresentar mudança alguma e, desta maneira, em oposição a muitas outras formas de religião, sabe poder recorrer a um Deus pessoal, digno de universal adoração. Ao contrário disto, por exemplo, bramanismo e o panteísmo supõem um princípio impessoal, abstracto, para em torno do qual fazer as suas manifestações religiosas.

Se não sabemos onde está o nosso Deus, então como nos dirigir a Ele? E se a Sua existência consiste

numa abstracção, como esperarmos ser por Ele atendidos em tempo oportuno? Não, o Deus da igreja verdadeira é um Deus pessoal, ao qual nos podemos dirigir, na certeza de que nos assiste do Seu imutável trono de graça.

A característica principal do cristianismo é a crença na encarnação do Filho de Deus. Este facto é, pela sua importância, apresentado pelo apóstolo João como ponto distintivo dos verdadeiros cristãos, nas seguintes palavras: “O espírito que não confessa que Jesus veio em carne não é de Deus, mas este é o espírito do anticristo”. I S. João 4:3.

O Senhor Jesus prevaleceu sobre o império da morte, ressuscitando de maneira impressionante e poderosa, como resultado de ter levado uma vida pura entre os homens, apesar de sujeito às mesmas tentações. Tivesse Jesus cometido a menor falta durante os 33 anos da Sua encarnação, e todos veríamos quebrado irremediavelmente o grande elo que nos deveria religar com Deus, para recebermos novamente a natureza imortal perdida no Éden.

Sendo a reconciliação com Deus através de Cristo extensiva a todos, a religião ou igreja nada mais é do que um veículo para conduzir os homens pelo caminho aberto pelo Senhor ressuscitado, em demanda de Deus e do Seu Reino de glória.

A ideia de sacerdócio, sacrificio e mediação, é inculcada como instituição em quase toda as religiões. Através do Senhor Jesus Cristo, Deus Se manifestou em carne entre os homens, sendo este o “grande mistério da piedade” de que falou o apóstolo Paulo. Realmente, a união do divino com o humano é

uma verdade preciosa, porém contém mistérios que permanecem cerrados e muitas vezes trazem dúvidas àqueles que são propensos para a incredulidade. Cristo não foi compreendido pelo povo do Seu tempo. Humilhou-Se, tomando a natureza humana, para poder alcançar e reabilitar a raça decaída. Os homens estavam, por causa do pecado, com o espírito obscurecido, percepção embotada, de maneira tal que não discerniam o carácter divino sob a capa da humanidade. Este obscurecimento mental serviu de obstáculo à obra vicária que o Salvador veio realizar. Tais condições continuam congestionando as mentes modernas. O facto de um anjo glorioso por exemplo, dar atenção a um assunto tão trivial como o de cuidar das simples necessidades humanas, constitui motivo de sorriso para os cépticos, a ponto de quererem pôr em dúvida a inspiração da narrativa eagrada. Entretanto, estas coisas, na sabedoria divina, foram narradas na história sagrada, não para benefício dos anjos, mas como prova da solicitude divina pela reabilitação da humanidade caída.

Eis, portanto, o fundamento do cristianismo: — “O Verbo”, (“Logos”, no grego) só é empregada pelo apóstolo João, como um título de Cristo; por isso merece especial consideração. Significa também “palavra”. A palavra é a maneira como nos expressamos. Assim Cristo, como “Palavra de Deus”, Como “Palavra de Vida”, expressava a verdadeira vida. Na ordem aparece primeiro o que o Filho era, e depois o que veio a ser. Ele era a expressão de Deus, com Deus, e sendo igualmente Deus; Criador de tudo, tornou-Se homem e luz dos homens.

Nem todos recebem iluminação de Cristo, mas a luz que Ele trouxe é para todos. Segundo a assertiva bíblica, os homens amaram mais as trevas do que a luz, e é por isso que a luz chegou, mas o mundo permaneceu nas trevas. A vida já veio, mas o mundo permanece morto. Falta da parte do homem o consentimento para ser instruído como uma criancinha. Falta subme-

(Continua na pág. 13)

O DOM QUE CONTA

Por R. R. FIGUHR

Presidente da Conferência Geral

É difícil um adventista do sétimo dia imaginar hoje o tempo em que não tínhamos Escolas Sabatinas. Foi em 1852 que o Pastor James White sentiu um fardo especial pelas nossas crianças e jovens e decidiu preparar uma série de lições para eles, as quais deviam aparecer no *The Youth's Instructor*. Escreveu ele: «Tencionamos publicar uma pequena revista mensal, contendo assunto para benefício da juventude... Tencionamos apresentar quatro ou cinco lições sob a forma de perguntas e respostas, em cada número, uma para cada semana, para as lições da Escola Sabatina. Estas Escolas podem realizar-se onde haja apenas duas ou três crianças bem como onde haja mais».

Assim começou o programa semanal do estudo da Bíblia para a nossa juventude. A princípio as lições eram usadas nos lares adventistas. Em breve, porém, se tornaram parte das reuniões de culto do nosso povo. Os adultos também se organizaram em classes para o estudo da Bíblia. Em 1890 foi preparada uma série de lições para os jovens das classes avançadas. Por essa altura eram reconhecidas três divisões da Escola Sabatina — a dos adultos, a intermediária e a primária. Eram fornecidas lições bíblicas para cada grupo.

Naqueles primeiros tempos da nossa história da Escola Sabatina foi dada muito pouca atenção ao levantamento de fundos para apoio das Missões. Na realidade, os adventistas não tinham Missões estrangeiras. O nosso primeiro missionário foi enviado em 1874. Só em 1885 é que foi feito o primeiro donativo para as missões. Foi na Conferência da Colúmbia. Em breve as Escolas Sabatinas de outras con-

ferências seguiram este bom exemplo.

Para o fim do século dezanove as Escolas Sabatinas da América do Norte sentiram-se entusiasmas com as possibilidades missionárias nos Mares do Sul, por altura da visita de John I. Tay. Quando ele voltou das ilhas em 1887 relatou grande interesse pelo Evangelho por parte do povo que ali vivia. Os membros da Escola Sabatina conceberam a grandiosa ideia de auxiliar a levar o Evangelho àquele campo missionário insular. Levantaram 12 000 dólares (cerca de 360 contos) para construir e equipar um barco missionário, e chamaram-no *Pitcairn*. Este nobre pequeno barco zarpu de S. Francisco, Califórnia, para a sua viagem missionária inaugural em 20 de Outubro de 1890, data memorável na história da Escola Sabatina. Membros de várias Escolas Sabatinas da área de S. Francisco, com os seus amigos, reuniram-se para assistir à partida do barco missionário da Escola Sabatina, e uniram as suas fervorosas preces aos seus dons para as missões.

Ao afastar-se o pequeno barco das praias da América, os membros da Escola Sabatina e seus amigos cantaram o hino “Benditos laços são”. Desde esse memorável dia, as Escolas Sabatinas têm-se sempre sentido possuídas por um solene senso de responsabilidade para com a nossa obra mundial, e têm sido a espinha dorsal da manutenção das missões. Metade do dinheiro provido para o programa missionário mundial procede das Escolas Sabatinas. Estas escolas não só contribuem regularmente cada semana para a causa das missões mas ajudam a realizar projectos especiais através do excesso da Oferta

do Décimo Terceiro Sábado. Este fundo especial é atribuído a projectos particulares, tais como hospitais, escolas, sanatórios, etc., em várias partes do mundo. As Escolas Sabatinas e as Missões têm-se tornado inseparáveis.

Um estranho, visitando uma das nossas Escolas Sabatinas alcandorada lá num dos cimos dos Andes, perguntou: “Como é que estas pessoas isoladas no cimo desta montanha podem saber tanto acerca da África, acerca do Sul do Pacífico e da Ásia? Isso não é vulgar. Os seus conterrâneos nunca ouviram falar de Fidji, ou da Bechuanalândia ou de Singapura. Como é que esta gente isolada fala com tanto conhecimento acerca desses lugares?” Não precisamos de ir longe para encontrar a resposta. Cada semana eles ouvem os relatos acerca das nossas actividades missionárias em muitos lugares de todo o mundo. Apoiam regularmente as Missões com os seus centavos, pesos, e até com os seus géneros onde não têm dinheiro. Muitas galinhas, muitos alqueires de batata doce ou de milho, e outros géneros têm encontrado o seu caminho para a causa das Missões, procedentes de mãos e corações que amam a obra de Deus. É natural portanto, que essas pessoas, embora isoladas em altas montanhas, se sintam profundamente interessadas pela causa das Missões e participem entusiásticamente no programa da igreja de proclamar o Evangelho a todas as nações.

Há muito a serva do Senhor escreveu: “A Escola Sabatina é uma grande bênção”. Ela viu sem dúvida, nesses recuados tempos, a influência benéfica que o dedicado

(Continua na pág. 10)

Dez razões pelas quais todo o membro da Igreja deve frequentar a Escola Sabatina

PRIMEIRA

A Escola Sabatina oferece o programa de estudo da Bíblia mais bem organizado e mais universal da nossa denominação. Ela dá oportunidade a todos, dos mais jovens aos mais idosos, de beneficiarem da instrução ministrada por Aquele que é a suprema Sabedoria.

SEGUNDA

A Escola Sabatina é maravilhosa como meio de conservar as crianças dentro da Igreja. Não há nenhum outro serviço religioso em que lhes seja ensinado, de maneira tão directa, o sentido duma conduta íntegra, duma fé bem firmada, própria para as manter fiéis à verdade.

TERCEIRA

Sendo a vida uma mistura de alegrias e tristezas, tanto os jovens como os velhos têm necessidade de se encontrar na Escola Sabatina, onde a livre troca de ideias permite que aqueles que atravessam tais provações tenham ocasião de falar da sua fé uns aos outros, com a certeza de encontrar simpatia da parte dos seus interlocutores. Se, por vezes, a estrada é longa e solitária, e se sentem abatidos podem deste modo, na casa de Deus, considerar as coisas dum ângulo diferente e cobrar novo ânimo.

QUARTA

Os relatórios missionários que se apresentam aos crentes, na Escola Sabatina, são talvez aqueles que mais claramente mostram o desenvolvimento da nossa mensagem, que se destina a reunir um povo vindo do Norte, do Sul, do Oriente e do Ocidente. Não há nenhuma outra reunião em que tão regularmente se trate da expansão mundial do evangelho.

QUINTA

Cerca da metade de todos os fundos que sustentam materialmente a nossa obra mundial provêm da Escola Sabatina.

Por essas ofertas, todos os crentes podem dar o seu apoio financeiro a um programa infinitamente mais vasto do que aquele a que corresponderia, isoladamente, a contribuição e esforço de cada indivíduo.

SEXTA

A Escola Sabatina favorece a verdadeira observância do Sábado, do qual cada cristão deve, a todo o custo, santificar todas as horas. Este serviço religioso ajuda a melhor santificar o santo dia do repouso, conservando-lhe a beleza natural e o carácter de dia separado por determinação divina.

OITAVA

A Escola Sabatina não perde nenhuma oportunidade de animar os membros à acção. Fomenta o estabelecimento de escolas anexas, de escolas bíblicas missionárias e a aplicação de muitos outros métodos de evangelização. Cada um é convidado a contribuir, pelo testemunho pessoal, para apressar a vinda do Senhor Jesus a este mundo.

A Escola Sabatina contribui para o desenvolvimento dos talentos e qualidades latentes em muitos dos nossos membros. Aqueles que se tornam bons dirigentes da Escola Sabatina utilizam com frequência, para edificação de toda a Igreja, os talentos que, por este meio, tiveram ocasião de fazer frutificar.

NONA

É em nome de Jesus que os membros da Escola Sabatina se reúnem. Podem, pois, reclamar a Sua presença, conforme a promessa de Mateus 18:20; e estas reuniões de crentes são tanto mais necessárias «quanto vemos que se vai aproximando aquele dia» da volta do nosso amado Salvador (Ver Heb. 10:25).

DÉCIMA

Por uma frequência assídua à Escola Sabatina, cada membro de igreja manifesta confiança em Deus e mantém este compromisso espiritual constante que, no dizer de W. Lyon Phelps, «deve ser o móbil da nossa vida, a fonte de calor da nossa personalidade, a fé que torna alegres todas as actividades, que dá esperança no combate, dignidade na humildade e sabor à existência».

De «Le Moniteur»

A Questão das «Profecias» da Pirâmide de Keops

D. HAMMERLY DUPUY

NO Egito há mais de trinta pirâmides de diferentes dimensões. Quando, porém, se fala sobre a pirâmide por excelência, então é a maior das pirâmides de que se trata, a de Gizé. A grande pirâmide foi construída pelo faraó Keops numa época dos primeiros tempos do Egito clássico.

Ainda que a base da notável pirâmide seja de 227 metros e sua altura actual de 137 metros, sabe-se no entanto, que se se restabelessem as pedras do revestimento e o vértice, a altura atingiria 147 metros sobre a superfície de Gizé.

A aludida pirâmide é uma das sete maravilhas da antiguidade. Conforme as tradições compiladas pelo historiador Heródoto, uma enorme multidão de operários trabalhou durante vinte anos seguidos, a fim de erigir esse enorme monumento de pedras perfeitamente ajustadas umas às outras.

Embora a pirâmide de Gizé não tenha inscrições hieroglíficas, coisa que abunda em outros monumentos, alguns escritores começaram a admitir hipóteses no sentido de suas dimensões servirem para calcular profeticamente diversos acontecimentos, até o fim do mundo.

O problema das profecias, em geral, e do fim do mundo, em particular, interessou, de modo muito especial, aos apóstolos. Em certa ocasião, quando se encontraram com Jesus no Monte das Oliveiras, perguntaram-Lhe: "Dize-nos quando serão essas coisas, e que sinal haverá da Tua vinda e do fim do mundo?" S. Mat. 24:3. Foi nessa ocasião quando Jesus indicou os sinais que ocorreriam através dos séculos, salientando, com ênfase, que Suas palavras se cumpririam.

Não estabeleceu, porém, a data de Sua gloriosa volta à Terra, pois afirmou: "O céu e a Terra passarão, mas as Minhas palavras não hão-de passar. Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu, nem o Filho, mas unicamente Meu Pai." Vs. 35 e 36.

Não obstante as advertências de Jesus Cristo, de tempos em tempos têm aparecido os que indicam data certa para o regresso do Redentor. Interpretando incorrectamente a profecia do Apocalipse, ou "Revelação", com respeito ao milénio, alguns anunciaram que o fim do mundo seria no ano 1000, crendo que deviam contar esse período a partir do nascimento de Jesus, ao passo que outros declaravam que seria a começar da data da crucifixão, pelo que marcaram o ano 1033 para o mesmo acontecimento.

Séculos depois, diversos intérpretes da Europa e da América, calcularam que o período profético mais longo, das Sagradas Escrituras, marcava seu término no ano 1844.

Esses expositores procuraram interpretar o significado dessa data e alguns deles anunciaram, erroneamente, que devia marcar a volta de Cristo. Finalmente, faz anos, espalhou-se a hipótese de que o fim do mundo ocorreria entre 19 e 23 de Agosto de 1953.

Essas datas do corrente ano, publicadas, faz muito tempo, em diversas obras que se ocupam da grande pirâmide de Keops, foram divulgadas por numerosos diários e revistas. O resultado foi que, em algumas regiões, se observaram sinais de inquietude e até de angústia entre as pessoas que deram crédito a tais notícias e que viam aproxi-

mar-se, com bastante preocupação, o que consideravam uma data fatídica e que marcava o fim do mundo. Quando se passou o dia assinalado, os temores transformaram em ceticismo e descrença com referência a qualquer predição sobre o fim do mundo. Contudo, a fé nas promessas de Cristo com relação a Sua segunda vinda permanece firme no coração e na mente de Seus seguidores, dos que sabem distinguir entre as autênticas profecias, que são divinamente inspiradas, e as predições de origem humana e que, portanto, são duvidosas, uma vez que o futuro só é conhecido pela Divindade.

Nas páginas desta revista se têm explicado, em várias ocasiões, as genuínas profecias que procedem das Sagradas Escrituras, profecias que, como já há sido demonstrado, se cumprem no devido tempo e sem dúvida alguma.

Desta feita, cumpre-nos o dever de explicar, ligeiramente embora, quais são os principais característicos das hipóteses dos que apresentam a grande pirâmide do Egito como sendo uma fonte de informação profética.

Conquanto muitas das pirâmides do Egito sejam panteões de dimensões descomuns, é um facto de que tanto nesse país, como no México e no Peru, se encontram pirâmides que têm uma significação científica e que podem ser consideradas como observatórios astronómicos.

Há profunda diferença entre o reconhecimento de que uma construção tem algum sentido científico ou finalidade científica e a hipótese de que suas várias dimensões têm um significado esotérico, com sentido profético. O primeiro escritor de que se tem conhecimento que ligou ambos os conceitos foi o copto Masoudi, falecido no ano 957 de nossa era. Em seu manuscrito, conhecido pelo nome de Akbar-Szzeman, exprime ele que o propósito da grande pirâmide era indicar "as posições das estrelas e de seus ciclos; e, ao mesmo tempo, a história e a crónica do tempo passado, do futuro e de cada um

(Continua na pág. 10)

Imperiosa necessidade de Exame do coração

por R. de Meneses

AO preparar um estudo sobre o Tempo da Graça e a terminação da obra de JESUS no Santuário Celestial, o Espírito do SENHOR me impressionou com a seguinte advertência que bem assinala qual deve ser a nossa posição e conduta, durante este tempo distintamente solene, em que o destino de milhares e milhares de almas está sendo decidido para a eternidade:

— «... todos quantos desejem que seu nome seja conservado no livro da vida devem, agora, nos poucos dias de graça que restam, afligir a alma diante de Deus, em tristeza pelo pecado e em arrependimento verdadeiro. Deve haver um exame de coração, profundo e fiel. O espírito leviano e frívolo, alimentado por tantos cristãos professos, deve ser deixado». — *O Conf. dos Séculos* (ed. bras.), pág. 489.

O pecado, sob todos os aspectos, é a única coisa que está comprometendo e fazendo perigar nossa Salvação. Denunciá-lo, condená-lo e aniquilá-lo, tal foi a obra de JESUS, pois, «... Ele se manifestou para tirar os nossos pecados»; ... «uma vez Se manifestou para aniquilar o pecado pelo sacrifício de Si mesmo». (I João 3:5; Heb. 9:26).

Consideremos quanto tal empreendimento custou ao nosso Salvador! Uma luta intensa, encarniçada, culminando no sacrifício máximo — a morte, a horrível morte na cruz! Este combate foi combatido por nós. O inimigo que JESUS enfrentou, é o nosso inimigo; a luta que JESUS travou, é a nossa luta; a causa que JESUS defendeu, é a nossa causa; e a vitória que JESUS alcançou, é a vitória para a qual

Ele nos quer conduzir. Porém, tenhamos sempre em mente, que o inimigo que JESUS derrotou, não foi ainda aniquilado e, até então, há que recear seus ataques, suas investidas, seus estratagemas, suas ardilosas subtilezas. Por outro lado, não podemos ficar indiferentes ao desfecho de tão decisiva contenda, nem inativos quanto aos meios que nos são indicados para nos assegurarmos uma vitória completa.

O pecado é, ainda, a única coisa que está pondo em risco a nossa Salvação. Há necessidade de reagir contra ele; de aceitar todo o meio de graça posto à nossa disposição, e reunir todas as energias físicas e espirituais que nos restam, para enfrentar ou, melhor ainda, evitar tal inimigo. A necessidade de «afligir a alma diante de Deus, em tristeza pelo pecado e em arrependimento verdadeiro», é a nossa necessidade, assim como a de «um exame de coração, profundo e fiel».

É inegável que este «exame de coração, profundo e fiel», impõe-se e recomenda-se, tanto mais que o pecado, vezes sem conta, e sob os mais insuspeitos disfarces, penetra nele subtilmente e, sem que de sua presença nos apercebamos, aí se oculta para afectar e enfraquecer nossa espiritualidade perverter, assim, nossa conduta.

Quando falamos ou ouvimos falar em «pecado», nossa mente logo o reconhece e identifica no procedimento daquele que se apossa do que não é seu; que tira a vida a outrem; que atenta na mulher do próximo; que, de qualquer maneira comete faltas de tal natureza que se tornam notoriamente reconhecidas e ficam, por isso mesmo, fora da protecção de qualquer desculpa

e sob a alçada de toda a lei. Raramente, porém, reconhecemos e identificamos o «pecado» quando ele se oculta por detrás de uma palavra severa, maliciosa ou irónica; de um olhar concupiscente; de um sentimento de amargura, ou do ressentimento que se nutre e se continua alimentando contra alguém que incriminamos por não ter procedido rectamente para conosco. Mas em qualquer dos casos, estamos na presença do mesmo inimigo — o pecado.

Passagens das Escrituras como as indicadas a seguir, revelam bem a amplitude da natureza do pecado e quão iluminados pelo Espírito de DEUS necessitamos estar, para nos precavermos contra ele e reconhecê-lo em suas múltiplas manifestações: Mat. 5:21, 22, 27, 28, 31, 32, 43, 44; I João 3:15, etc.

Concluimos que necessitamos adquirir «uma nova sensibilidade para com o pecado», e estarmos prontos a «aplicar o nome 'pecado' às coisas que verdadeiramente, são pecado, tais como orgulho, dureza, irritação, inveja, ressentimento, crítica e tudo quanto é o oposto do amor.

Onde «um exame de coração, profundo e fiel», se torna extremamente necessário, é no que se relaciona com a tendência quase geral, senão geral, de nos arvorarmos em juízes dos outros, sem que DEUS nos tenha investido nesse cargo, e contra Sua Palavra que expressamente ordena: «Nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor». (I Cor. 4:5).

S. Paulo mostra-nos o perigo de tal hábito e prática: «Portanto, és inexcusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo». (Rom. 2:1).

Noutra parte, ele pergunta: «Quem és tu, que julgas o servo alheio?...» «Mas tu, porque julgas teu irmão? Ou tu, também, porque desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo». «Assim que não nos julgemos mais uns aos outros; antes seja o vosso propósito não

pôr tropeço ou escândalo ao irmão». (Rom. 14:4, 10, 13).

Mas onde nossa falsa e usurpada posição de julgadores do próximo é profunda e justiceiramente atingida, é no cap. 7 de S. Mateus, versos 1 a 5. Aqui o SENHOR JESUS proíbe-nos terminantemente: «Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão-de medir a vós.

E porque reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?

Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu?

Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão».

Uma criteriosa análise desta passagem, poderá proporcionar-nos grande bênção, auxiliando-nos em nossa futura conduta no trato com o nosso semelhante.

Ao vedar-nos a liberdade de julgar os actos de um «irmão», JESUS parte do princípio de nossa incapacidade para o justo e perfeito desempenho de tal mister — que, por isso mesmo, só a DEUS pertence, — visto nossa visão obliterada pelo pecado, não nos permitir avaliar o peso exacto dos verdadeiros motivos que levaram o «irmão» a cometer a falta que nos apressamos a apontar.

Por outro lado, faltosos como todos somos, representamos o papel ridículo de um réu instalado na cadeira do juiz, e procurando exibir uma autoridade e dignidade que não possui.

Por isso, para nos chamar à realidade de nossa falsa posição, Ele pergunta: «E porque reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?».

Sim. Somos intimados a descer, a desocupar o lugar que não nos pertence. Porém, desejando conduzir-nos submissamente, de harmonia com a suprema vontade do SENHOR, acatando toda e qualquer instrução que nos dê, como devemos proceder agora, uma vez despojados da toga que, abusivamente, tantas e tantas vezes temos

envergado, mas que a autoridade da Palavra de JESUS nos intima a depor?

Ora, nós sabemos que o «argueiro» — pequena partícula de qualquer natureza que penetra nos olhos, provocando mal-estar, incômodo e dor — é, em sentido espiritual, uma falta qualquer que julgamos ver e apontamos no nosso «irmão». Se este «irmão» é, na verdade, cristão, por certo que deve sentir-se incomodado com esse «argueiro» e desejará imenso vê-lo removido da sua vida e consciência. Ele constitui um obstáculo angustiante à paz de seu espírito, e o priva de muitas bênçãos que ele necessita usufruir.

No caso do «argueiro» natural, a nossa reacção imediata é valer ao padecente tomando, geralmente, um lenço e com uma das pontas, *muito suavemente, com todo o carinho e precaução, não desejando de modo algum feri-lo*, procuramos libertá-lo de tão incômodo partícula. Depois, como ficamos satisfeitos pelo bom êxito da operação, e porque o nosso «irmão» se sente agora bem e liberto daquilo que tanto o atormentava!

Porém, quanto ao outro «argueiro» — aquela «falta» que o «irmão» cometeu e com a qual não estamos de acordo, tanto mais que fomos particularmente lesados, além do mal que trouxe à igreja e da ofensa que constitui a DEUS, — qual deve ser nossa atitude? Não devemos reparar nesse «argueiro»? Devemos fechar os olhos, passá-lo por alto e deixar que o «irmão» suporte, desamparadamente, as consequências que daí lhe possam advir?

Uma leitura cuidadosa do texto (Mat. 7:3, 4), nos levará à conclusão de que não é isso que JESUS pretende que façamos. Pelo contrário, a última parte do versículo 5 nos indica que devemos valer ao «irmão» faltoso, com a mesma solicitude e carinho com que acudirmos a alguém que estivesse sofrendo fisicamente.

O texto proíbe, simplesmente, é o *espírito de crítica e má vontade* com que, regra geral, se enfrenta a situação.

Por amor ao nosso próximo, devemos fazer quanto pudermos para libertá-lo do mal que o priva das bênçãos de DEUS. A Palavra de

DEUS ensina que nos devemos admoestar e exortar uns aos outros, estimulando-nos ao amor e às boas obras. Quando o amor de JESUS estiver derramado em nossos corações, seremos constringidos a proceder assim. Humilde e compassivamente, olhando cada qual por si, para que também não seja tentado e venha a cair, estenderemos a mão uns aos outros para nos ampararmos e ajudarmos mutuamente, durante o percurso de nossa peregrinação. Que bênçãos advirão aos crentes e à igreja, quando nos pronunciamos a proceder assim!

Em S. Mat. 7:5 o SENHOR JESUS nos ensina como poderemos fazer este serviço uns aos outros: «Tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão».

Toda a tentativa de tirar o «argueiro» do nosso irmão» será contraproducente e pernicioso, a menos que sigamos o conselho de JESUS. Isto, porque estando nossa vista obstruída por uma «trave», nossa visão será defeituosa e não nos permitirá realizar a operação com aquela precisão e delicadeza que o caso requer.

Mas... que significará essa «trave» de que fala JESUS, e que constitui tão grande obstáculo, sendo motivo de tantas e tantas perturbações e atritos na vida da sociedade e, mais lamentavelmente, da igreja?

O «argueiro», sabemos que se trata de qualquer pequena coisa, qualquer falta «que julgamos poder discernir no nosso irmão», e que, infelizmente, quase sempre, somos pressurosos em apontar. E a «trave»?

De harmonia com a lei das proporções, concluiríamos que se trata de uma falta ou pecado, incomparavelmente maior, sob o ponto de vista humano; desses pecados que não se podem ocultar, dada a sua natureza, e, por isso, e tornam notórios, ao mesmo tempo que repugnantes a toda a consciência bem formada.

Possuo, entre os meus livros, uma pequena obra de Roy Hession, intitulada «A Senda do Calvário». Nessa obra, — ao comentar o citado texto de Mat. 7:1-5, — o autor sugere que «a trave no nosso

(Continua na pág. 14)

CONFORME fora devida e legalmente anunciado, teve lugar, em Lisboa, durante os dias 3, 4, 5 e 6 de Junho passado, a Assembleia da União Portuguesa.

Foram dias de grande actividade nos vários sectores dos trabalhos da Assembleia.

Desde as primeiras horas do dia 3, quinta-feira, que já se sentia movimento desusado na igreja-mãe de Lisboa, onde se realizou a Assembleia.

Principiavam a chegar os delegados das várias igrejas, do Norte

suas entusiásticas saudações, aos presentes, destacando a Esposa do Pastor Watts, Vice-Presidente da Conferência Geral.

Na apresentação do seu relatório salientou os esforços conjugados dos Obreiros com os dos Obreiros Voluntários declarando que, pela graça de Deus, realizaram verdadeiros milagres para a salvação de muitas almas para Jesus.

Salientou enternecido que no fim do 1.º trimestre deste ano tínhamos 2909 membros baptizados. Estando, portanto, à porta dos

os Irmãos e Irmãs a quem transmitiu os cumprimentos da igreja de Washington. Acrescentou, seguidamente, que se sentia satisfeito por voltar a Portugal, onde estivera há dois anos e meio, conservando desde então, as melhores lembranças. Declarou que estava muito especialmente contente pelos assinalados progressos que a Obra da Mensagem tem efectuado, nestes últimos anos, na União Portuguesa. Por isso, dá muitas graças a Deus e congratula-se com o Presidente da União e com os seus

A Assembleia da União Portuguesa

e do Sul do País, da Madeira e dos Açores.

Trocavam-se os primeiros abraços de amizade e ouviam-se as primeiras saudações fraternais, amigas, cristãs.

Da parte da Conferência Geral assistiu o Pastor Watts, Vice-Presidente da Conferência Geral.

Da Divisão Sul-Europeia vieram os Pastores Wild e Naenny, respectivamente Secretário da Divisão e Secretário do Departamento de Colportores.

As 21 horas teve lugar a sessão inaugural. O salão estava repleto.

Sobrepujando a tribuna ostentava-se um grande letreiro com o lema da Assembleia a letras luminosas: «EIS QUE CEDO VENHO».

Sobem à tribuna os Pastores Baião, Naenny, Casaca, Watts, Wild, David e Laranjeira.

O Coro executa um belo hino.

O Pastor Laranjeira, na qualidade de pastor da igreja saúda os delegados a quem apresenta as boas-vindas em nome da igreja de Lisboa.

O Secretário da União Portuguesa, Pastor David Vasco procede, depois, à chamada dos Delegados, principiando pela Conferência Geral.

Segue-se-lhe o Director da União Portuguesa, Pastor Casaca que depois de declarar abertos os trabalhos da Assembleia apresentou as

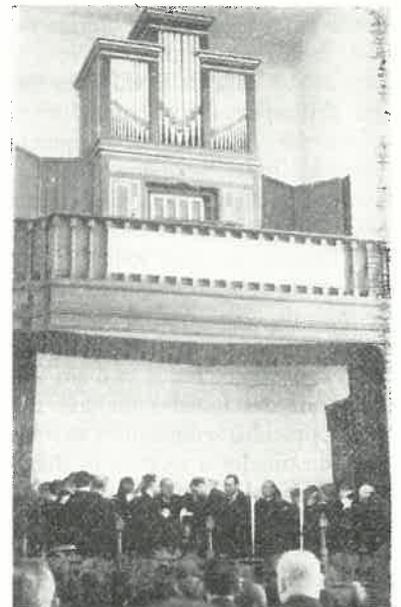
três mil membros, esperemos, com a graça de Deus, subir vertiginosamente no número de almas ganhas para o Senhor. Também destacou o aumento de 27% nos dízimos em relação ao último biénio. Terminou agradecendo a dedicada e leal colaboração de todos os Obreiros e dos Obreiros Leigos e pedindo que todos renovem a sua consagração ao Senhor para que bem depressa a Obra possa ser acabada e apressarmos, assim, a Volta gloriosa do Salvador.

Usou, depois, da palavra o Pastor Wild, Secretário da Divisão que principiou por saudar «os Delegados e Amigos da Verdade».

Acrescentou que acabava de regressar de uma viagem a Angola e a Moçambique, onde tivera o privilégio de apreciar o belo trabalho que ali se está realizando na Obra do Senhor. Traz as saudações dos Irmãos das igrejas daquelas Províncias Portuguesas. Prosseguindo, disse que estava muito satisfeito com o relatório que o Pastor Casaca, Presidente da União Portuguesa acabava de apresentar, congratulando-se, especialmente, com os aumentos registados, pois via neles a mão de Deus a abençoar a Sua Obra, em Portugal.

Ocupou, depois, a tribuna o Pastor Watts, Vice-Presidente da Conferência Geral. Começou por saudar o Director da União, os demais Pastores, os Delegados e

Colaboradores. Pensa com muita satisfação nos quase três mil membros baptizados portugueses e tem a esperança de que este número vai crescer rapidamente. Assim o espera, porque o seu pensamento vai para a Coreia, onde trabalhou, durante longos anos. Quando safu da Coreia do Sul — que deve ter, mais ou menos a mesma superfície que Portugal Continental — havia lá 2500 membros baptizados. Hoje, contam-se na Coreia 30 000 membros baptizados. (Continua na pág. 14)



Consagração dos Pastores Orlando Costa e J. M. de Matos

O Dom que Conta

(Continuação da pág. 4)

hábito de dar exerce tanto sobre o doador como sobre o que recebe.

Os nossos primeiros donativos na Escola Sabatina foram em pequenas moedas. O lindo hino, onde aparecem as palavras, "Vão caindo, vão tinindo, as moedinhas", descreve bem a nossa primeira maneira de dar. Mas o dar sistemático e organizado ganhou favor rapidamente à medida que os resultados se tornaram evidentes. As ofertas regulares tornaram possível um firme avanço na nossa obra missionária. Tornou-se evidente que a bênção de Deus estava sobre o plano. A ampliação de horizontes e o encorajamento resultante de ver a obra expandir-se inspirou ofertas maiores e o estabelecimento de alvos missionários mais elevados. Assim, ano após ano, e década após década, esta fonte de receita para as missões tem aumentado.

É verdade que nem todos têm podido dar exactamente o mesmo. Isso não se espera, nem é possível. Deus mede a dávida pela capacidade da pessoa para dar, pelo que lhe resta depois de dar. Provavelmente uma das maiores ofertas jamais dadas ao Senhor foi levada para a Sua casa pela viúva pobre, que deu apenas duas moedinhas, equivalentes a menos de cinquenta centavos. Jesus assinalou essa dávida e disse que aquela viúva tinha dado mais do que todos os ricos que haviam lançado somas muito maiores na arca do tesouro. O Mestre tornou claro que o dom que conta é o dom que custa. Naquele dia, no Templo, todos podiam ouvir o cair das moedas maiores nos 13 receptáculos semelhantes a trombetas destinados a receber os donativos. Ninguém senão Jesus ouviu o débil som ao caírem as duas mais pequenas moedas em circulação. Mas o Mestre viu e notou o dom e declarou que foi um grande dom. A pobre viúva reconhecida que o dar constitui parte importante do

culto e tinha vindo ao templo naquele dia para sinceramente adorar o seu Criador.

O ano de 1965 deve testemunhar outro real passo em frente por parte das nossas Escolas Sabatinas no que respeita a dar para as Missões. Os nossos irmãos, ao olharem para o campo mundial com as suas crescentes dificuldades e crises, e ao verem como se fecham portas e as actividades se tornam cada vez mais circunscritas, sentem-se impedidos a chamar para a situação a atenção das nossas Escolas Sabatinas, com um apelo para que cada membro aumente em 50 por cento a sua oferta de maneira que a obra que nos foi confiada possa ser rapidamente levada a termo. Os irmãos não chegaram apressadamente a esta decisão. Ela é resultado de amadurecido pensamento. Vivemos numa época de prosperidade sem igual na história do mundo. É sua

convicção que aumentando pelo menos em 50 por cento as ofertas regulares da Escola Sabatina, não só será enriquecido o tesouro do Senhor, mas também a alma do doador. Esperamos que este plano de aumentar as ofertas possa começar desde já.

As Escolas Sabatinas têm sido um instrumento poderoso na realização do nosso programa mundial. Não pode haver dúvida de que elas continuarão a sê-lo nos meses e anos futuros, em proporção cada vez maior. O aumento de fundos significará uma extensão mais ampla da nossa obra. O aumento de ofertas requer sacrifício, mas o sacrifício não deixa de ter as suas bênçãos.

É verdade hoje, como o era quando Jesus junto da arca do tesouro via os homens lançarem as suas ofertas, que o dom que custa é o dom que conta.

A Questão das «Profecias»

(Continuação da pág. 6)

dos acontecimentos vindouros que ocorrerão no Egipto".

Quando Masoudi escreveu tais palavras, já havia passado um século e meio desde que o califa Al-Mamoun, fazendo uma abertura, penetrou no interior da grande pirâmide de Keops e descobriu um sistema de galerias que lhe deram acesso a dois compartimentos enigmáticos que, apesar de não conterem múmias, receberam os nomes de *câmara da rainha* e *câmara do rei*.

Inúmeros pesquisadores se dedicaram ao estudo de grande pirâmide e chegaram a conclusões interessantes a respeito de seu grande valor científico. Alguns reconheceram seu valor astronómico e outros tam-

bém lhe atribuíram valor geodésico. Os primeiros, porém, que entraram no campo da fantasia, dizendo que os corredores desse notável monumento simbolizava o passado e o futuro da humanidade foram os irmãos João e Morton Edgar. Na obra que publicaram, em 1919, com o título de "Los Passages de la Gran Pirâmide", pretenderam que, atribuindo o valor de um mês a cada "polecada piramidal", poderiam assinalar diversas datas históricas e anunciar acontecimentos futuros, até o fim do mundo.

A hipótese dos irmãos Edgar foi recebida com muito entusiasmo por alguns escritores, entre os quais se salientaram D. Davidson e H. Halder Smith.

Porque fracassou Judas?

ARTUR W. SPALDING

ERA escriba, bem apessoado, culto, insinuante, possuidor de tino administrativo. Óptima aquisição! Entusiasmados, os discípulos do Senhor foram ter com Ele, recomendando-Lhe esse homem. «Ora Mestre», diziam eles, «ele crê em Ti! Disse-nos que sabia seres o Messias. Deves convidá-lo para o nosso círculo íntimo. Ele não é galileu, como nós somos. É de Queirote da Judéia. É um dos escribas. Sabes que quase todos os escribas e fariseus e príncipes se Te opõem; mas esse homem é um deles. Será um meio de penetração naquela jerarquia. Que talento! Financeiro como ele só! Sabe trajarse. E tem um jeito todo seu. Não podemos perdê-lo! Eis, Mestre — lá vem ele!»

E o homem Judas Iscariotes insinuou-se. Exactamente a justa medida de deferência, a correcta attitude de humildade, a devida proporção de cortesia e graça — não mais nem menos. Pedro e Tiago orgulhavam-se dele.

— Mestre, disse Judas com profunda mesura, aonde quer que fores eu Te seguirei.

Jesus respondeu: — As raposas têm seus covis, e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. (S. Mat. 8:19 e 20).

«Porquê tanta frieza com esse candidato?» pensaram Tiago e Pedro, André e João. «Não é assim que se atrai o favor dos escribas. Ora, esse homem é diplomado em curso superior, ao passo que a maioria de nós mal terminámos o curso primário. É certo que, se ele tivesse procurado dirigir-nos em nossas pescarias, ter-nos-íamos rido de sua série de diplomas; mas aqui o caso é diferente. Carecemos de alguém que nos instrua em assuntos eclesiásticos. E ele sabe virar-se. Você bem vê isso, não é mesmo, Mateus? Filipe? Bartolomeu?

Iscariotes ia bem. Tinha um jeito todo seu, para captar simpatias.

«Judas é seu nome? Pois é meu também! Somos então xarás — honra minha! Vamos dar fama a este nome, pois não? Amigos do Rei! E aquele é seu irmão Tiago? Alguém me disse que você é parente do Mestre. Que homens privilegiados! Ah, este é Mateus? Comerciante, assim me informaram. Congratulemo-nos — eu também o sou! Por muito que tivesse sido educado na lei, não desprezo os ciclos, nem os denários. Sinto-me honrado em conhecer-vos todos. Estes cavalheiros, Pedro e seus amigos, já se tornaram irmãos meus. Folgo em pertencer ao vosso grupo. Como sois organizados? Quem, depois do Mestre, é vosso Líder? Quem é o tesoureiro? o escriba? Sim, mas meu forte são realmente as finanças. E também a liderança. Se consultásseis a Anás, em Jerusalém, contar-vos-ia de minha habilidade de organizar. Mas, enfim, já estais organizados. Não podeis ser tardios no preparo do reino do Messias. Homens competentes, homens dignos de estar no concílio do Rei, certamente tereis planos elaborados desde o princípio, de modo que, quando Cristo der o alarme, estareis prontos para assumir vossos postos no reino».

Oh, que aquisição! «Senhor, deves convidá-lo! Ora, quando lhe disseste que és pobre, isso não o abalou. Sabes, ele disse: 'Eu poderia ser uma raposinha, também!' Ele está disposto a suportar agruras conosco. E, com efeito, ele tem dado ouvidos aos Teus ensinamentos, e sente-se muito atraído a Ti. Mestre, convida-o!»

Bem, Judas Iscariotes tornou-se um dos doze. O Mestre leu seu coração, bem lhe conhecia as ambições, a avareza, o espírito de rivalidade. Acolheu-o, todavia, Era difícil ensinar àqueles discípulos os princípios do reino divino, ajudá-los a encontrarem o caminho, a porta. Puseram em campo seu engenho, sua coragem, sua habilidade

médica, suas artes mecânicas, sua elegância rústica, seu novo saber, seu poder crescente na oração — e tornaram-se impacientes por ver abrir-se a porta. Estavam certos de que seu grupo carecia de um homem com os conhecimentos e habilidades daquele escriba judeu. Bem, o Senhor Jesus o aceitou. E não foi frio com Judas. Amava-o. Reconhecia-lhe os talentos, e bem desejaria vê-lo dedicá-los todos a Deus. Mas Jesus não se enganou com as aparências exteriores. Sabia «desde o principio ... quem era o que O havia de entregar.» S. João 6:64.

Sabeis, bem poderia ter sido Pedro. Pedro chegou bem perto de trair a Jesus. Poderia ter sido Filipe. Filipe, mais do que Tomé, era grande duvidador, grande cavilador. Poderia ter sido Mateus. Mateus tivera contacto com os romanos em seus dias de publicano. Não havia um único dos escolhidos apóstolos de Jesus que não tivesse faltas, defeitos de carácter, tendências à infidelidade e traição. Judas tornou-se o pior, não há dúvida; mas por muito tempo seus colegas de discipulado pensaram ser ele o melhor. Levou-os a assim pensar, subtil e diplomáticamente, incitando um contra o outro em suas mesquinhas ambições, insinuando astutamente suas opiniões e a sua reputação nos momentos críticos.

Quem era o maior dentre eles? Os discípulos voltavam sempre e sempre a essa interrogação, com a ânsia de crianças mal-educadas. Judas levava vantagem aos demais, porque viera bem recomendado. E tinha habilidades. Estudara teologia, conhecia as Escrituras. Tinha agudeza financeira, e bem depressa foi constituído seu tesoureiro. Era fácil de língua, de espírito arguto, e possuía as armas magistras das insinuações subtis e das réplicas incisivas. Por mais que Pedro, e Tiago e João pudessem ufanar-se de os haver o Mestre escolhido para

Seus amigos íntimos, Judas era capaz, por seus superiores ares de indiferença e azafamada actividade, de pô-los todos na sombra. Mateus poderia ter alegado sua experiência comercial, mas a Judas bastava, em réplica, exhibir a bolsa que trazia. Tiago o menor e Judas, seu irmão, poderiam ufanar-se de seu parentesco, mas poderia Judas ter repetido as palavras do Mestre: «Quem é Minha mãe? e quem são Meus irmãos? ... Qualquer que fizer a vontade de Meu Pai que está nos Céus, esse é Meu irmão, e irmã e mãe». S. Mat. 12:48-50. E quem mais do que Judas, se incumbia dos encargos financeiros do Mestre, e portanto de Seu Pai no Céu?

Não era Judas totalmente político. Fora genuinamente atraído pelos ensinamentos éticos de Jesus. Admirava-Lhe a retórica, achava que algumas de Suas frases lapidares haveriam de oferecer excelente subsídio para proclamações reais. Por vezes, mesmo, os ensinamentos do Mestre penetravam mais profundamente na consciência de Judas, e divisava ele um Modelo varonil que lhe expunha a vergonha de seu egoísmo. Tempos houve na carreira de Judas, em que se aproximou bastante da porta do reino. Observava o Mestre alimentando os famintos, curar os febreiros, purificar os leprosos, ressuscitar mortos e com mãos trémulas ele então passava adiante o pão e oferecia dinheiro da sacola. Inclinou-se em reverência quando o Senhor colocou as mãos sobre a cabeça dos doze e os dotou de poder para expulsar espíritos imundos, e curar toda a sorte de enfermidades. Saiu a desincumbir-se de seu ministério. Mas jamais venceu totalmente seus apetites, nem sua cupidez, nem suas ambições egoístas. Fora criado em leito de rosas, amara o louvor dos homens, convivera com os eruditos. A pobreza e miséria com que, pela sua associação com o Salvador, era obrigado a entrar em contacto, revoltava-lhe o ânimo, tinha, porém para isso um escape mental no pensamento da vindoura glória do reino.

Naquele reino, pretendia Judas ser o primeiro, logo após o Rei. Sim, essa fora a ambição, talvez, de todos os apóstolos até que re-

conheceram afinal a natureza daquele reino. Em Judas, porém, jamais se consumou a visão pura. Naquela última noite, a preciosa noite de instruções que Jesus passou com os discípulos («Desejei muito comer convosco esta páscoa», disse Ele (S. Luc. 22:15), todos chegaram à consciência da grandeza de serem pequenos aos próprios olhos — todos eles excepto Judas. Ele deixou que seu Senhor Se prostrasse e lhe lavasse os pés, como servo, e por um momento lhe veio à tona um impulso de amor. Quase que desistiu de seu desígnio de traír o Mestre. Mas já não podia. Fora planejado com elaborados pormenores. Era o plano perfeito aos seus olhos. Não podia fracassar, e terminaria tornando-o chefe do colégio apostólico. Era, ao parecer de Judas, a chave do reino.

Através de todo o ministério de Jesus, Judas fora um criticador. Seu grande alvo sempre fora o reinado. Que outra coisa poderia acalmar-lhe a ambição? Não devia o Messias vir a ser Rei? Não assinalavam isso as profecias? Como triunfaria Israel sobre os inimigos a não ser que o Ungido Se fizesse Rei, primeiro de Seu povo, e depois do mundo todo? Com tal esquema-mestre a preocupá-lo, Judas porfiava, segundo era seu pensamento, por promover de modo devido a causa de Cristo. Desaprovava francamente a esquivação de Jesus ante as aclamações públicas, Sua ordem ao leproso para que não contasse a ninguém como fora curado, Seu afastamento das turbas vociferantes, Sua retirada, com os discípulos, para lugares desertos. Judas rejubilava quando as multidões iam buscar o Mestre de Seu retiro; incitava-os a exigir que Ele fosse coroado Rei; decidiu-se quase pela rebelião aberta, quando Jesus conteve o movimento popular, e despediu a todos, enquanto Se dirigia ao monte, para orar. Observou, descontente, como Seu pronunciamento levou o povo a debandar. «Não é este o modo», arazoou Judas, «de tornar-Se Ele rei. Bem sei que Ele é o Cristo. Sei que tem todo o poder. Bastava exercê-lo. Tenho de descobrir um meio de obrigá-l'O a declarar-Se». E Judas julgou ter descoberto o expediente.

Levaria ele o Mestre a uma situação em que fosse compelido a pôr em acção esse poder. Pô-l'O-ia nas mãos de Seus inimigos, impediria todos os meios humanos de escape, e então — eis! o irromper do poder divino! a confusão dos sacerdotes e príncipes! a assunção da autoridade! a coroação do Rei! Este era o grande plano.

Depois, a escolha dos conselheiros do Rei, o estabelecimento de Seu governo. O primitivo pensamento de Judas, de ajustar de antemão todas as coisas, tivera ele de abandonar. Estava certo de que Jesus não o permitiria. Pois reprovaria todas as tentativas de levá-l'O a declarar quem era o maior. Não poderia haver gradação de títulos e posições sob a caótica distribuição de encargos que prevalecia entre os doze. Todas as actividades que o Mestre lhes atribuía era ajudar os pobres, os doentes, os famintos, os nus, os tristes. E isso, talvez, estava certo. Os cortesãos do Rei devem ser amáveis. Mas isso eram ninharias. O meio de tornar felizes a todos, era fundar o glorioso reino do Messias. Então se desvaneceriam todas as dificuldades do mundo, unidos seriam os ímpios romanos, e os bons judeus assentar-se-iam no lugar dos poderosos. O Cristo, capaz de fazer, de cinco pequeninos pães, alimento para milhares, providenciaria a todos os homens pão, vestes, moradia e esplendores. Venha o reino!

E quando viesse esse reino, quem nele seria o maior? Ah, aqui era onde o plano seria de indiscutíveis vantagens para Judas! O Mestre, provinciano como era em Seu modo de pensar, surpreender-Se-ia ao ver-Se Rei em Jerusalém. Perguntaria então: «A quem devo Eu isso tudo?» Assim talvez da boca dos derrotados e humilhados inimigos — Caifás, Anás — que haviam pensado poder comprar uma vitória por trinta peças de prata, talvez eles mesmos fossem forçados a reconhecer: «Foi esse Judas!» E para o galarim da fama subiria ele, cuja brilhante cerebração concebera essa conjura, esse plano-mestre.

Ora, envolto na ofuscante glória desse plano, Judas passava inteiramente por alto os seus condiscípulos. Talvez o reino não fosse divi-

(Continua na pág. 14)

O Ideal da Obra de Educação

PASTOR J. MORGADO

(CONCLUSÃO)

«Sêde sóbrios, vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar» I Pedro 5:8 «Ele está no local das brincadeiras, observando vossas diversões, e colhendo toda alma que se encontra despercebida, lançando suas sementes nos corações humanos e adquirindo controle na mente dos homens.» C. P. 255.

Nas festas organizadas por alguns alunos, bailes, cinemas, o inimigo espreita, pronto a tragar a quem estiver em terreno perigoso. A nossa juventude tem reservas que pode chamar a si, no momento difícil e os anjos de Deus velam à sua volta prontos a entrar em acção, a seu favor.

Pais e jovens devem demonstrar um verdadeiro espírito de serviço e sacrifício ao delinear o plano de educação para os seus filhos.

Uma última pergunta desejava pôr: Quem compete remediar na Igreja?

Compete aos obreiros, aos dirigentes das igrejas e aos membros em geral sentir um profundo interesse pela juventude. Mais do que qualquer outro ser a juventude percebe se esse interesse é fictício ou se o sorriso apresentado não é mais do que uma máscara. Nós caímos facilmente na ideia de fazer reuniões para a Juventude, quando deveríamos fazer reuniões da Juventude. Na medida em que os jovens colaboram nas reuniões, desenvolver-se-á o interesse por elas. Podem os adultos ficar muito satisfeitos com a reunião para jovens, mas esse interesse não ter atingido, aqueles a quem a reunião foi destinada.

«A Igreja está a dormir, e não se compenetra da grandeza deste assunto da educação das crianças e Jovens.» C. P. 39 «Deus exige que a Igreja desperte de sua letargia, e veja qual é a espécie de serviço dela requerido neste tempo de perigo. Os cordeiros de rebanho devem ser alimentados. O Senhor do céu está a olhar, a fim de ver

quem se encontra a fazer a obra que Ele quer que se faça pelas crianças e jovens.» C. P. 38.

Juventude é sinónimo de vida, actividade e quantas sociedades de jovem morrem inactivas, enquanto os seus membros se espalham por meios mais ou menos duvidosos, para alcançar aquilo que necessitam.

Que poderemos fazer?

— Uma escola em cada igreja — eis um alvo que cada obreiro deveria procurar alcançar.

— Existência de lares onde vivam como internos os alunos adventistas que têm de frequentar escolas longe das suas casas.

— Existência de parques onde fosse possível organizar actividades de fim de semana ou de férias, com as classes progressivas, trabalhos manuais, encontros bíblicos, etc.

— A renovação do plano das reuniões de jovens, levando os nossos jovens a colaborar, organizando debates de problemas juvenis, etc.

— Organizar um plano de educação bíblica para os alunos que frequentam as nossas escolas, com os livros adoptados pelo Departamento de Educação da Conferência Geral e que se encontram na maior parte traduzidos em português.

— Organizar encontros de jovens, da mesma idade, para discussão de problemas próprios, no ambiente da natureza.

— Organizar encontros com jovens, com os mesmos interesses de especialidades das classes progressivas, e em local onde possam desenvolver essas actividades.

— Organizar acampamentos por igrejas, acampamentos regionais, ou internacionais em épocas próprias.

— Organizar intercâmbio postal entre os jovens das várias Igrejas, dentro ou fora do país.

— Lembrar-se nas reuniões de obreiros, dos seus filhos, proporcionando-lhes se possível um programa próprio.

— Que os obreiros e as famílias, estudem em conjunto os planos de estudo dos jovens das suas igrejas, e façam tudo o que for possível espiritual e materialmente para as ajudar.

Eis alguns pontos que devem merecer a nossa atenção, e que podem trazer alguns benefícios à nossa juventude e à nossa Igreja.

Que é a Religião verdadeira?

(Continuação da pág. 3)

ter-se inteiramente a Deus, para que possa achar a verdade em Sua Palavra. Quando tal sucede, o Céu abre os seus arcanos de graça e glória ao sincero pesquisador. Desta forma, explorando as jazidas da verdade, os resultados serão enobrecedores. O mistério da salvação, a encarnação de Cristo e Seu sacrifício expiatório, não figurarão na mente humana em noções vagas, mas como realidades incontestáveis.

As condições para professar o cristianismo são o arrependimento e a fé, que, resumidamente, significam submissão completa ao divino poder transformador. E sob esta submissão será cumprida em nós a tríplice missão do Verbo: Fez-se carne; deu-nos o Seu amor; dá-nos a vida eterna.

A Assembleia da União Portuguesa

(Continuação da pág. 9)

Por isso, disse, está convencido de que quando a União Portuguesa atingir os três mil membros, a subida prosseguirá rápida, com a ajuda de Deus.

Exortou, finalmente, todos os presentes a colocarem-se inteiramente ao serviço do Mestre para levarem a toda a parte a Mensagem da Salvação.

No dia seguinte, sexta-feira, dia 4 os trabalhos principiaram à hora regulamentar, às 9 horas com a Devoção Matinal.

Seguiram-se as constituições das várias Comissões que entraram, imediatamente em acção.

Durante a tarde foram apresentados alguns relatórios tanto dos Departamentos, como dos Obreiros e das Comissões.

A conferência pública das 21 horas esteve a cargo do Pastor Wild.

No Sábado, dia 5, principiou a Escola Sabatina com o vasto salão e as galerias repletas; é que se juntaram, também os prezados Irmãos das outras igrejas da cidade assim como dos arredores; a todos estes nossos Irmãos e Irmãs, assim como aos Delegados à Assembleia apresentou o Director da Escola Sabatina de Lisboa, Irmão Carlos de Carvalho as saudações pessoais e da Escola Sabatina de Lisboa.

Foi lida a Acta da Escola Sabatina da Assembleia de 1963, também da direcção do mesmo Irmão Carvalho. Constituiu-se uma classe única que foi passada pelo Pastor Samuel Graça.

Para o culto solene subiram à tribuna os Pastores: Casaca, Director da União Portuguesa que ocupou a presidência; tinha à sua direita os Pastores Wild, Viegas e Mendes; e à esquerda os Pastores Watts, Vasco e Laranjeira.

Antes de se proceder à colecta o Pastor Wild, Secretário da Divisão lembrou à assistência que a colecta se destinava para a abertura de um centro evangélico em Viana do Castelo.

O Director da União, Pastor Casaca apresenta seguidamente o orador daquele culto solene: o Pastor Watts, Vice-Presidente da Conferência Geral, que passa a ocupar a tribuna. Depois de haver saudado os presentes e transmitido os cumprimentos dos nossos Irmãos de Washington, o Pastor Watts leu o texto escolhido em Isaías 62:1, 2 e 3.

Com o coração a transbordar de entusiasmo e de amor missionário pelas almas o Pastor Watts mostrou a necessidade de nos entregarmos, sem demora ao trabalho que o Senhor destina a cada um de nós para apressarmos a Vinda de Jesus.

Às 16 horas teve lugar a cerimónia da consagração ao pastorado dos Evangelistas Orlando Costa e

J. M. de Matos. A sala encontrava-se igualmente repleta. Na tribuna todos os Pastores presentes. Após a imposição das mãos os novos Pastores foram cumprimentados e abraçados pelos seus colegas e grande parte da assistência.

A conferência pública das 21 horas esteve a cargo do Pastor Naenny.

No dia seguinte, domingo, dia 6, ultimaram-se os trabalhos com a discussão e apresentação dos relatórios derradeiros.

À noite, foi orador o Pastor Watts, Vice-Presidente da Conferência Geral que depois da sua entusiástica mensagem deliciou a assistência com belos solos, na sua voz timbrada de barítono, acompanhado ao piano pela esposa.

Que Deus abençoe as resoluções tomadas e que a sua prática contribua para o avançamento da Obra, traduzido em muitas almas salvas para Jesus e para que em breve o nosso Divino Salvador possa vir buscar-nos para o Seu Reino eterno.

Imperiosa necessidade

de exame do coração

(Continuação da pág. 8)

olho é, simplesmente, a falta de amor na nossa reacção ao argeiro do nosso irmão». E, logo, continua: «Sem dúvida que a outra pessoa cometeu um erro, mas a nossa reacção àquele erro também é erro, e erro bem maior. O argeiro nele provocou em nós ressentimento, ou frieza, ou censura, ou amargura, ou maledicência, ou má vontade — tudo isto variantes do mal básico, da falta de amor. E, isso, diz o Senhor Jesus, é muito pior — muito pior do que o pequenino mal (às vezes inconsciente) que o provocou». ... «O Senhor Jesus, ao fazer esta comparação, quer ensinar-nos que a nossa reacção de falta de amor perante a falta do ouro, está na proporção de uma viga para uma aresta! Todas as vezes que apontamos um dos nossos dedos para um irmão, a fim de o acusar, três dos nossos dedos apontam para nós, acusando-nos. Deus tenha misericórdia de nós, pelas muitas vezes

PORQUE FRACASSOU JUDAS ?

(Continuação da pág. 12)

dido igualmente entre doze conselheiros. Haveria, de certo, um primeiro-ministro, sábio como Aquitofel, ou antes, como Husáí, e todos os demais atenderiam ao menor dos seus gestos. «Eu subirei ao Céu, por cima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo!» Judas sabia insinuar-se.

Oh, que tragédia! Queda tamanha! «Derribado serás no inferno! Todos os reis das nações jazem com honra, porém tu és lançado da tua sepultura, como renovo abominável! Com eles não serás ajuntado na sepultura. Precipitando-te, arreben-tar-te-ás pelo meio, e cães devorarão tua carcassa!»

O caminho de Judas foi o caminho da perdição.

em que assim temos procedido e em que, com hipocrisia, tentamos julgar a falta alheia, quando o certo é que Deus vê essa falta tantas vezes pior nas nossas próprias vidas.

(Continua no próximo número)

O Problema da harmonia dos Evangelhos

DANIEL CORDAS

(Conclusão)

A igreja cristã nasceu na Palestina, cresceu, mas depois da morte de Estêvão ela espalhou-se por toda a parte. O Evangelho era pregado tanto na Palestina como em Roma ou Antioquia; por essa razão, os evangelhos tinham certamente objectivos diferentes. Tendo objectivos diferentes, é evidente que as mesmas coisas não podiam ser escritas em cada evangelho.

Os evangelistas eram dirigidos a três meios bem diferentes:

- 1) *Jerusalém* — Dirigindo-se a Judeus, devia antes de tudo mostrar em Jesus o Messias predito pelas profecias. Mateus é o evangelho que responde às necessidades do apostolado neste meio.
- 2) *Roma* — Dirigindo-se aos gentios, a pregação tinha de deixar tudo o que era essencialmente Judeu, insistindo sobretudo nos milagres do Salvador, apresentando-O como enviado de Deus, dispondo portanto dos poderes divinos.

Marcos é o evangelho que responde

às necessidades deste meio.

- 3) *Antioquia* — Dirigindo-se a gregos, a instrução doutrinal elementar pregada por Paulo aos seus ouvintes, mistos de judeus e gentios, teve que tomar um carácter mais universal e pregar Jesus como o Salvador de todos.

A este meio, é o evangelho de S. Lucas que melhor se adapta. A ideia fundamental de S. Lucas é: *Jesus, Salvador de todos.*

Embora seja impossível chegar a uma solução completa, podemos no entanto permanecer convencidos da integridade dos sinópticos. Se os escritores utilizaram a tradição oral ou outros escritos, foram certamente guiados pelo Espírito Santo, na escolha das fontes de informação que utilizaram para a redacção dos Evangelhos.

Jesus Cristo, declarou que o Espírito Santo seria enviado: «Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito»⁽²⁴⁾.

NOTAS

(1) Doutor Mac-Sutrye. «Études Evangéliques» Abril-Junho, 1949, p. 136.

(2) Do grego (συνΰψις) = Vista de conjunto, vista geral.

(3) Godet, «Introduction au N.T.» p. 778, 779.

(4) Ami du clergé, 16 de Janeiro de 1913, p. 37, segundo o «Manuel d'Écriture Sainte», de Renié, t. IV, p. 127.

(5) «Dictionnaire Encyclopédique de la Bible», de Westphal, p. 393.

(6) S. Lucas 1:1, 2.

(7) De Grandmaison, «Jésus Christ» t. I, p. 207.

(8) Renié, «Manuel d'Écriture Sainte», t. IV, p. 128.

(9) Jacquier, «Histoire des livres du N.T.» t. II, p. 321.

(10) Renié, *op. cit.* t. IV, p. 129.

(11) Godet, *op. cit.* p. 780.

(12) Renié, *op. cit.* t. IV, p. 130.

(13) S.D.A.B.C. vol. 5, p. 177.

(14) Doutor Mac-Sutrye, *op. cit.* p. 141.

(15) W. F. Albright, «De l'âge de la pierre à la chrétienté». p. 281.

(16) *Id.* p. 286.

(17) Doutor Mac-Sutrye, *op. cit.* p. 137.

(18) I Cor. 9:14; Act. 20:35.

(19) S.D.A.B.C. vol. 5, p. 178.

(20) *Ibid.*

(21) *Id.* p. 179.

(22) S.D.A.B.C. vol. 5, p. 179.

(23) Col. 4:10, 14.

(24) S. João 14:26.

ABREVIATURAS

S.D.A.B.C. — «The Seventh-Day Adventist Bible Commentary» Washington — 1953.

«Palavra Mais Forte»

Quando o velho filósofo ateniense, Sócrates, se aproximava do fim da jornada, disse a seus estudantes: «Tenho fé no futuro, e penso que hei-de ver as ilhas áureas, mas oxalá tivéssemos uma nau mais robusta, ou uma palavra mais forte!» Esse foi sem dúvida o mais patético clamor do mundo antigo. O velho filósofo, com toda a sua

argúcia, possuía uma visão apenas nebulosa do futuro. Entretanto, o clamor de Sócrates já foi respondido para todos os que possuem a fé cristã.

«Oxalá tivéssemos uma nau mais robusta!» No Senhor Jesus Cristo temos a «nau mais robusta», que jamais soçobrará. «Oxalá tivéssemos uma palavra mais forte»; tam-

bém a possuímos, na Palavra de nosso Senhor Jesus.

Quão gratos devemos ser, pela singela fé na Palavra de Deus! A «palavra mais forte», para nós hoje, é a «segura Palavra dos profetas». Coisa alguma existe mais segura neste mundo. Bem deveríamos deter-nos cada dia, para dar graças a Deus por Sua Palavra e pelo Espírito de Profecia. O cumprimento da profecia bíblica, passado, presente e futuro é uma das maiores provas de sua inspiração divina. — *Ernesto Lloyd.*